



## Resenha

# O poder e a cruz: colonização e reduções dos jesuítas no Brasil

## The power and the cross: colonization and reductions of the Jesuits in Brazil

Emanuele Colombo  
Università degli Studi di Milano  
Italia

Massimi, M. (2008). *Il potere e la croce: colonizzazione e riduzioni dei gesuiti in Brasile*. Milano: Edizioni San Paolo.

As reduções jesuíticas no Brasil sempre estiveram no centro de vivos debates, sendo objeto de uma literatura de divulgação que muitas vezes carece de uma investigação séria dos documentos históricos. Ao mesmo tempo, os diversos estudos de especialistas dedicados a esse tema tiveram sempre difusão restrita. O livro de Marina Massimi, atrás de um título e de uma capa cativantes, esconde uma síntese eficaz e de agradável leitura dos mais recentes estudos a respeito da Companhia de Jesus e das próprias pesquisas da autora.

1. Mais que propor uma introdução à Companhia de Jesus, o livro introduz o leitor *na própria* Companhia de Jesus, permitindo-lhe, para usar uma famosa expressão de John O'Malley, "compreender os jesuítas como os jesuítas compreendiam a si mesmos". Quem lê é levado a uma viagem pelas principais fontes que descrevem a identidade da ordem, como a *Fórmula do Instituto*, as *Constituições*, os *Exercícios espirituais* e a *Autobiografia* do fundador. O livro chama também a atenção para o valor da escrita, especialmente das cartas, instrumentos indispensáveis para a garantia da circulação de informações e da unidade de condução da Companhia, e, ao mesmo tempo, "remédio para a dor da ausência" dos companheiros em missão nas terras de além-mar. As cartas escritas pelos jesuítas no Brasil constituíam "a ponte que aqueles homens procuraram estabelecer entre o Velho Mundo – um mundo que era o próprio mundo deles, conhecido e familiar, mas agora distante – e o Novo Mundo – uma realidade estranha, desconhecida e fascinante, e muitas vezes hostil, antes conteúdo de imaginação e de sonhos, agora realidade imediata e presente" (p. 20). São também muito importantes as *litterae indipetae*, escritos pelos quais os jovens jesuítas se candidatavam às missões, explicando ao preposto-geral as razões de seu pedido, que este recebia de todos os noviciados da Europa. É quando procura esclarecer o que a missão significava para esses homens que o livro alcança suas páginas de maior força e originalidade. A formação histórico-psicológica de Marina Massimi, autora de numerosas publicações sobre esses temas, permite-lhe aprofundar de maneira extremamente original algumas das palavras usadas pelos potenciais missionários: "desejo", um termo também muito freqüente nos *Exercícios espirituais*, e ainda "indiferença", "tristeza", "consolação". Compreendendo o valor desses termos para os jesuítas, o leitor pode começar a enxergar os acontecimentos históricos relativos às missões com o olhar dos protagonistas.

2. Para justificar a evangelização, sobretudo em situações politicamente complexas, como a brasileira, os jesuítas precisavam demonstrar que o índio era uma "pessoa", um homem para todos os efeitos dotado de alma. A evolução dessa convicção, que certamente não era óbvia no princípio da Idade Moderna, nos é mostrada, no livro, por intermédio de fontes dos séculos XVI e XVII particularmente interessantes. As questões, os problemas que se apresentam e os debates são iluminados por textos fundamentais da Segunda Escolástica (como os chamados *Conimbricenses*, comentários às obras de Aristóteles muito difundidos na Companhia), além de estudos antropológicos e



psicológicos muitas vezes redigidos em forma de diálogo, nos quais se discute a natureza dos índios.

A visão antropológica da Companhia está na origem da ênfase que ela dá à educação: se os indígenas possuíam todas as "potencialidades" da alma humana, o que lhes faltava era a educação, tarefa primordial dos missionários. As opiniões, no entanto, oscilavam no que diz respeito a muitos aspectos: a religiosidade tradicional dos indígenas, por exemplo, era considerada, por alguns missionários, uma idolatria que tinha de ser condenada, ao passo que, para outros, ela era uma autêntica expressão do sentimento religioso, que os aproximaria do cristianismo; o uso da força para submeter os povos indígenas, muitas vezes violentos e antropófagos, era admitido em condições particulares, ao mesmo tempo em que, em outras ocasiões, era condenado sem reservas. Numerosas citações nos permitem compreender também a distância que existe entre o olhar europeu e o dos missionários que atuavam no "trabalho de campo": estes frisavam sempre a necessidade de uma convivência cotidiana com os índios, para aprender sua linguagem e compreender e amar suas tradições. Assistimos ainda ao desengano de que eram acometidos alguns missionários com o passar do tempo: depois de um início triunfal, eles tomavam consciência das dificuldades de obter conversões sinceras e duradouras, como também do caráter delicado das relações com o poder civil espanhol e português. Todos esses aspectos, que na historiografia às vezes são reduzidos a fenômenos puramente políticos e sociais, têm um fundamento teológico e religioso que o livro revela com clareza.

3. Outro mérito da obra é a descrição dos métodos e "estratégias" dos missionários. Também aqui, a autora retoma as origens de algumas características bem conhecidas do "modo de proceder" jesuítico, mostrando como tudo já estava presente no ensinamento de Inácio. A *conversatio*, cujo valor era sempre destacado pelo fundador, está na origem da importância fundamental das pregações nas missões da Companhia. Já a insistência de Inácio sobre a necessidade de adaptação às diferentes circunstâncias e às características do interlocutor inspirou o método jesuítico da acomodação (*accomodatio*), utilizado pelos missionários durante mais de dois séculos no mundo inteiro, da China ao Paraguai.

O livro mostra a unidade profunda que existia entre o conteúdo teológico da pregação e a forma como os missionários procuravam não apenas explicar, mas também "mover" e comover seus interlocutores. Palavras, gestos, teatralidade, música, procissões, liturgia: tudo o que os jesuítas propunham estava estreitamente ligado ao conteúdo que queriam comunicar. As esplêndidas igrejas que se construíam nas reduções, a música, que inseria temas religiosos em melodias tradicionais indígenas, a utilização de imagens, todos esses eram instrumentos destinados a tornar evidente aos indígenas a verdade e a beleza do cristianismo.

4. O quinto capítulo nos oferece uma galeria de "retratos" de "figuras exemplares" das missões no Brasil. De fato, quando, na Companhia, eram destacados os talentos que um jesuíta deveria cultivar, essa ênfase sempre passava por testemunhos a serem imitados. Antônio Vieira, missionário e "príncipe dos pregadores", é sem dúvida um protagonista indiscutível entre os jesuítas do Brasil. Em seus famosos sermões, Vieira apresenta sua vida como caracterizada pela obediência, sinal da imitação de Cristo, à qual dedicou sua genialidade e grandeza. Quando o rei português João IV lhe ofereceu o cargo de primeiro-ministro, Vieira respondeu que "preferia ser mendicante à porta do Colégio a deixar o hábito dos filhos de Inácio". Temos também João de Souza e Pêro Correia, primeiros mártires da Companhia no Brasil, cuja biografia, por décadas, foi lida e dada como exemplo nas casas da ordem. A vida de Antônio Nóbrega, provincial do Brasil, é apresentada como uma verdadeira *imitatio* da vida do fundador da Companhia, enquanto José de Anchieta, o "apóstolo do Brasil", homem de aguda e viva inteligência, é recordado como autor de uma fundamental gramática da língua tupi-guarani. Por fim, vemos o retrato de Inácio de Azevedo, que morreu a 15 de julho de 1570 apertando nos braços a imagem de Nossa Senhora, ao ser barbaramente martirizado pelos piratas franceses nas Ilhas Canárias, ao lado de setenta companheiros.



5. Não podemos deixar de reconhecer a riqueza das fontes deste livro. Além das fontes manuscritas do arquivo romano da Companhia, como as *cartas anuais do Brasil*, as *litterae indipetae*, objeto de numerosos estudos, e os *Catalogi trienales*, recentemente utilizados para uma pesquisa sobre os critérios de recrutamento para as missões, há também uma série de citações de textos publicados nos séculos XVI e XVII que, como já dissemos, contribuem para esclarecer os debates teológicos e filosóficos daquela época. A bibliografia soma à literatura europeia, já mais conhecida, uma seleção de estudos brasileiros.

Estamos diante de um livro “de divulgação” escrito por uma especialista, modelo que vem tendo crescente sucesso no mundo inteiro. Se é uma síntese, agradável de se ler, de estudos recentes e consagrados sobre a Companhia de Jesus, apresenta também, ao mesmo tempo, pesquisas originais da autora. Encontramos no livro o juízo equilibrado de alguém que escreve história por ofício, mas, também, a paixão pelo itinerário da Companhia – particularmente pelas missões jesuíticas –, tema que há décadas não cessa de seduzir gerações de estudiosos. Podemos ver, enfim, nas entrelinhas, o olhar crítico do historiador, consciente da dificuldade de fornecer interpretações e balanços sobre um tema de alto risco, mas também sabedor do enorme legado dos jesuítas no Brasil. A vida desses homens, seus gestos, as palavras que pronunciaram e escreveram tiveram, talvez de modo mais evidente no Brasil que em qualquer outro lugar, “uma continuidade no tempo e na memória popular e cultural”, o que testemunha a vitalidade e a eficácia de sua presença.

#### **Nota sobre o autor**

*Emanuele Colombo* é doutor e pesquisador na área de História do cristianismo e das igrejas junto à Universidade dos estudos de Pádua (Itália) e desenvolve atividade de pesquisa junto à Universidade dos estudos de Milão. É autor de ensaios de história religiosa e de dois livros: *Carlo Antonio Casnedi (1643-1725) e il suo tempo* (Soveria Mannelli & Rubettino, 2007) e *Convertire i musulmani. L'esperienza di un gesuita spagnolo del Seicento*. (Milano, Bruno Mondadori, 2008).  
e-mail: emanuele.colombo@gmail.com

**Data de recebimento: 16/02/2008**

**Data de aceite: 15/10/2008**